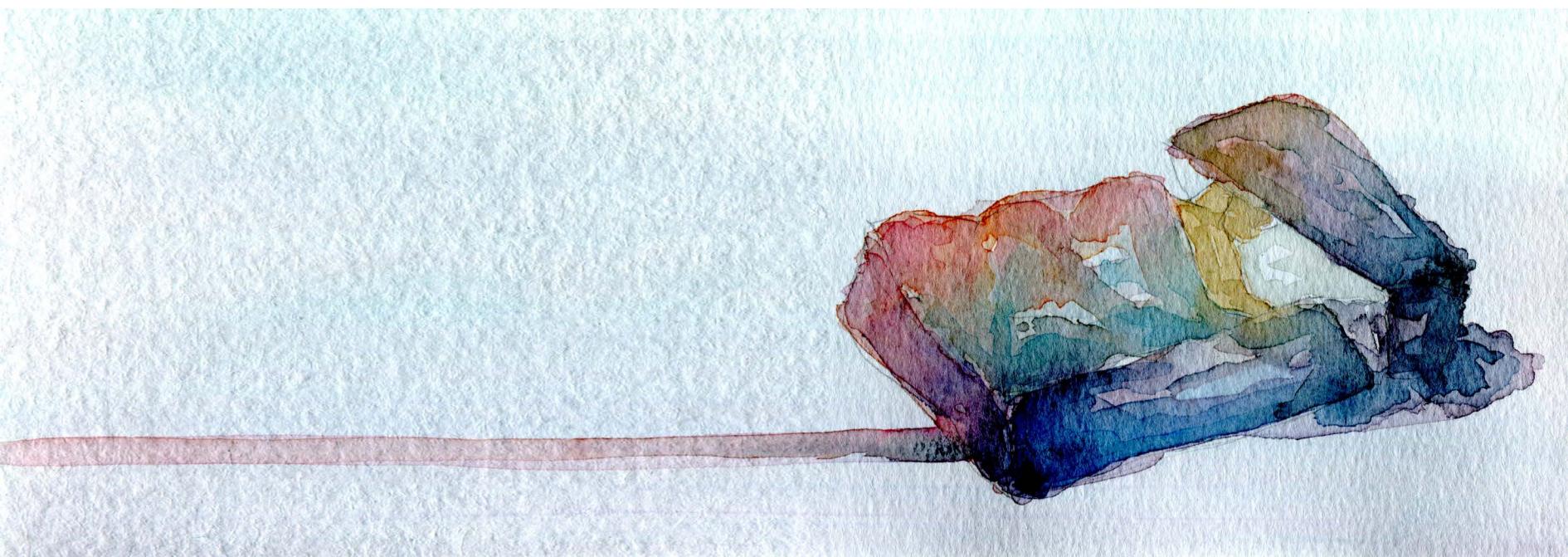


O cigarro



O Cigarro – Marcus Merelli

Biografia do autor: Apaixonado pelo Rio, Marcus Merelli escreve contos amadores tendo como cenário sua cidade, observando os pequenos conflitos internos e externos de personagens comuns, com leves dramas típicos da transição entre a adolescência e a vida adulta. O autor de 22 anos é aluno do curso de Letras Inglês/Literaturas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Resumo do texto: O conto descreve uma breve cena na vida de André, um jovem em busca de mais um pequeno passo rumo à vida adulta, com um cigarro na mão, sentado em frente a uma estação do VLT na Cinelândia, Rio de Janeiro.

Acabaria ali, jurou.

Ninguém poderia dizer que não, não àquela altura. Outro dia talvez viesse uma sensação ruim, mas André tinha certeza, pelo menos naquele dia, de que tudo acabaria por ali. Tinha descido do escritório na Almirante Barroso e seguido para a praça finalizar o ritual.

A Cinelândia já era muito mais bela do que quando começara a trabalhar por ali, dois anos antes. Nunca esteve na Europa, mas imaginava que fosse assim: edifícios históricos, fachadas de um século de idade, por trás das quais repousavam peças da mais alta cultura. Eram museus, bibliotecas, teatros? Era ridículo que nunca tivesse olhado além das fachadas. Em contraste, às suas portas funcionavam o VLT e suas estações modestas e modernas. Tudo cercado nem tão de longe pelos altos prédios sóbrios e com ar de ganância. Sempre achou que quem quer que tivesse a coragem de não amar as dualidades da arquitetura do Centro não tinha coração.

Não tinha, aliás, motivo sério algum para andar até ali. Mas após as reformas, André passara a sentar-se num banco à sombra, sempre que podia durante o almoço. Mas ali seria a última vez. Sentou-se. Após o almoço, a curta caminhada do prédio ao banco o levava muito mais longe – fugia dos números. Os malditos números! Ah, mas no fundo ele gostava. Cobrar clientes não era uma parte boa; explicar às pessoas que conhecia o que fazia da vida também não. Sempre simplificava tudo e dizia que trabalhava num escritório. Eu, particularmente, nunca entendi muito bem o que ele fazia. Mas também nunca fiz questão de perguntar – os números e computadores me interessavam tanto quanto as exposições dos museus faziam a ele. Mas ainda assim, gostava. Mexeu no bolso observando as pessoas entrarem e saírem do trem elétrico. Cada louco com sua mania.

Acendeu um cigarro e, sem nenhum protesto, entregou outro a uma mulher que pausou sua importante ida em direção à Candelária e lhe pediu um. Sobravam-lhe três no maço.

O céu era tão azul que não parecia real. André olhava para a direita e imaginava quantos semi-sortudos tinham a oportunidade de aproveitar aquela quarta-feira na praia a menos de quinze ou vinte minutos dali. Bem, não era realmente sorte, já que o Flamengo fica na Baía. Nem se sabe como alguém poderia entrar ali. Havia tempos que não aproveitava uma quarta-feira à tarde. Claro, havia férias, folgas, feriados. Mas nada era tão livre. Sentia falta de quando o azul saturado sobre sua cabeça não parecia zombar do excesso de paredes brancas e cinzas responsáveis pelo seu confinamento – assim como de seus colegas – por oito horas por dia, de segunda à sexta.

Não reclamava enquanto o cigarro perdia já vinte e poucos por cento de seu comprimento. Era uma das pequenas coisas às quais André nunca prestava atenção. Aposto que ele ficaria fascinado ao perceber que a cada trago as cinzas consumiam não só sua expectativa de vida, mas o próprio corpo do objeto. Até mesmo quando sua mão repousava sobre o colo – a borda de papel queimava e se desfazia mais depressa do que as cinzas por ela envoltas. As cinzas, por sua vez, perdiam força e caíam pouco a pouco no chão da praça. Ainda havia a brasa, porém. Ela queimava viva e não viria a apagar até que atingisse o filtro, ou que ele quisesse. Respirava fundo. Suspirava. Em alguma espécie de alívio. Acabava ali.

Apesar de nada ser tão fácil quanto fora anos antes, o peso de terminar uma faculdade retirado dos ombros fazia toda a diferença na vida de um jovem adulto de classe média. Decidira tirar um ano para si antes de continuar os estudos. André usava como desculpa uma suposta reorganização de sua vida, pensava em sair de São Francisco e vir morar do lado de cá da poça. Ainda assim, ele amava Niterói. Na verdade, quem é que conseguiria não amar aquele lugar também? Cinzas caíam em cima do sapatênis marrom. Seu emprego, seus amigos, sua vida dos vinte para cima, tudo estava no Rio. Pelo menos André era apaixonado pela nova Rio Branco. Mais da metade do cigarro já tinha ido embora a esse ponto.

Um casal saía do terceiro VLT que André via parar na estação. Tinham malas, mas não o suficiente para duas pessoas, observou. Mais um trago. Talvez um dos dois tivesse aterrissado no Santos Dumont apenas alguns minutos antes. Já esteve ali. Sorria. Era bom ver que a vida segue. Que há quem se encontre, há quem se despeça. Como ele mesmo olhou para sua mão e se despediu em silêncio do cigarro que já estava perto de se apagar. O casal seguia de

mãos dadas em direção à Presidente Vargas.

André pensou em voltar ao Tinder. Não ao Grindr, se achava maduro demais para isso agora. Mas talvez... bem, aquele era o almoço mais importante de sua vida até aquele momento, mesmo que o almoço, propriamente dito, já tivesse passado. Era sim uma boa ideia pensar no que viria depois, pensar em amores, encontros, formas de ocupar a mente. Precisaria disso, sabia.

Após toda a reflexão, retirou o celular do bolso direito da calça. Tela desbloqueada. Chamou. Não era ao apartamento no qual vivia havia quatro anos além da ponte; seus pais moravam em outra ponta do estado, em Resende. Seu pai atendeu e André disse tudo – do início ao fim. Sempre teve medo de como o velho reagiria. No fundo, André ainda era um menino apenas, todas as proibições, regras e dogmas – que, em certo ponto, o afastaram do sul fluminense e o levaram à universidade mais distante na qual conseguira pensar – ainda lhe traziam insegurança. Para sua sorte e surpresa, ele entendeu. Foi até bem gentil. Sábio. Disse estar surpreso – não esperar – mas também prometeu apoiar incondicionalmente. Era um problema sério, achava, mas assegurou que eles conseguiriam superar. Não foi tudo, na verdade, ainda tinha coisas que o jovem achava que seu pai nunca entenderia. Ficaria para outro dia. Já era importante o suficiente que lhe entendesse o vício.

André bloqueou o celular e o colocou de volta dentro do bolso. Fazia algum tempo que não conversava com o pai, fazia mais tempo ainda que falar com ele não era uma coisa boa. Suspirou e teve certeza de que tinha feito a coisa certa ao tirar mais um dos pesos dos ombros. Agora tudo estava bem, tudo acabaria naquele momento. Levantou-se com um pouco mais de confiança do que tinha quando sentara ali. Caminhou até uma daquelas lixeiras laranjas nos postes. Nela havia uma placa de metal na parte inferior de sua boca com os dizeres: “apague seu cigarro aqui”. Assim André o fez. Jogou a bituca – o resto que tinha pouco além do filtro – dentro da lata de lixo e seguiu de volta em direção à Almirante Barroso. Sorriu. Era um grande símbolo.

Por sorte, encontrou a mesma moça que lhe pedira um cigarro minutos antes, talvez ela tivesse parado para comprar algo com um dos camelôs ou coisa assim. Aproximou-se e tocou-lhe o ombro. André ofereceu-lhe o resto do maço e seguiu ao escritório.

Não julgarei, nem direi, ou especularei se André fumou um cigarro ou outro após aquele dia. Isso não importaria.

O que importa é: aquele era o último cigarro; sentia-se livre. E tudo acabaria ali.

